

Funaro otimista com apoio ao plano

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Caindo na opinião de alguns governadores brasileiros, e também de alguns funcionários do governo norte-americano citados pelo *Wall Street Journal* de ontem, o ministro Dilson Funaro se defende: o plano econômico do Brasil "é bom; o Banco Mundial gostou dele e vai mandar uma missão reestudar os refinanciamentos brasileiros já na semana que vem" (ver nesta página).

Será verdade mesmo? — perguntou-se ao presidente do Banco Mundial, Barber Conable. E ele respondeu:

"Tudo que concordamos fazer foi mandar uma missão ao Brasil na próxima semana, para estudar o programa brasileiro, anunciado antes da partida do ministro Funaro do Brasil, e distribuído nos Estados Unidos em livrinhos amarelos, apelidados de "livro de ouro." Nossa impressão é positiva sobre o Brasil, e estamos otimistas: algo poderá ser feito. Estamos satisfeitos de podermos ter estas discussões com o Brasil.

Barber Conable acabava de deixar a reunião em que o ministro Dilson Funaro discursara em nome de um grupo de países latino-americanos. Tinha acabado de ouvir os demorados aplausos ao homem quase acusado na edição matinal do *Wall Street Journal* de estar politizando o problema da dívida internacional, ao rejeitar qualquer supervisão internacional da economia brasileira. E mais, que "se não houver uma mudança para uma política econômica ortodoxa (no Brasil) haverá uma mudança de ministro seguida da adoção de um plano econômico ortodoxo", segundo uma fonte do governo norte-americano.

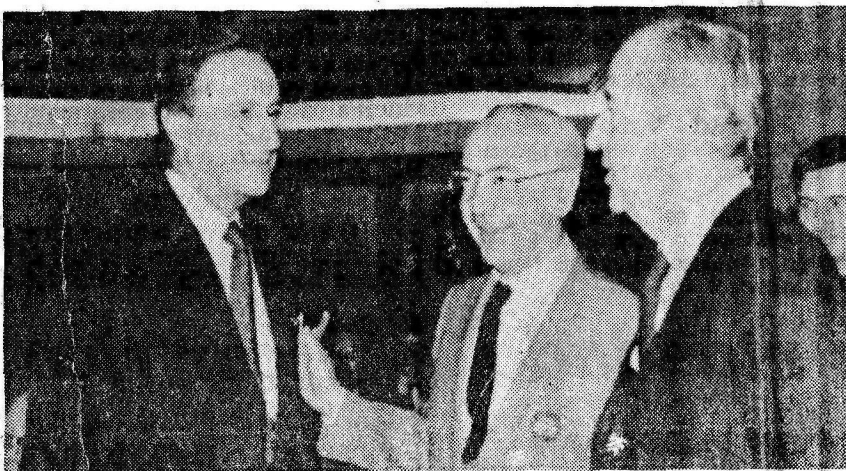
O Banco Mundial interrompeu seu programa de empréstimo ao Brasil?

Barber Conable continuou sendo entrevistado, e respondeu: "Nós temos um programa com o Brasil, e ele está sendo executado".

Alguma limitação?

"Nós esperamos uma maior clareza do programa com relação aos empréstimos para ajustamento estrutural. E isto será resolvido pela missão que irá ao Brasil na semana que vem. Nós temos uma larga linha de projetos com o Brasil que continuamos a processar."

Barber Conable ia se afastando,



Funaro, Jacques de Larosière e Edouard Balladur

quanto foi questionado sobre a decisão do ministro Funaro de não discutir o plano econômico do Brasil fora do País. Ele demorou a responder, mas disse:

"Eu respeito a decisão do Brasil de não fazer política fora do Brasil, neste momento."

O aval de Barber Conable foi aproveitado ao máximo pelo ministro Funaro, em seu encontro com a imprensa, depois do primeiro discurso de ontem no comitê interino do FMI, representando países latino-americanos. Falando a uma emissora de TV mexicana, ele repetiria que o plano é bom, que o Banco Mundial o apoiou e que, agora, provavelmente, os bancos privados passarão a considerá-lo com novos olhos.

"Os bancos privados vêm depois, logo em seguida" — ele afirmou, sem

dúvidas, acrescentando: — Se o Banco Mundial achou o plano competente, capaz, os bancos particulares certamente o discutirão. Mas não posso falar em nome de 800 bancos.

Pelo menos de alguns deles, não. A informação de que vários bancos estão encurtando a maturidade de empréstimos e elevando juros em créditos de curto prazo, dada ao *Wall Street Journal* pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, que está em Washington desenvolvendo negociações paralelas à reunião do FMI, foi confirmada por uma fonte da comitiva do ministro Funaro a repórteres brasileiros, ontem à tarde. As perspectivas são até piores, se o ministro Funaro não ceder em sua posição de não discutir a política econômica do Brasil no Exterior: "haverá uma pressão muito forte, no

mês que vem, sobre US\$ 5 bilhões de créditos interbancários", prevêem os dois repórteres que assinam o artigo do *Wall Street Journal*.

Que plano é este que o Banco Mundial está apoiando e com o qual o ministro Funaro contra-atacou a ofensiva desencadeada contra ele, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos? Esta foi exatamente uma pergunta que lhe foi feita.

"Todo o problema do crescimento brasileiro, do refinanciamento brasileiro, e de todos os problemas que normalmente tem um país fazendo seus ajustes para continuar crescendo e respondendo aos anseios da sociedade."

Gherhard Stoltenberg, o ministro de Finanças alemão que considerou ser o problema da dívida mundial o assunto mais importante desta reunião do FMI, em Washington, "achou que o Brasil ainda não tem um plano", disse um repórter ao ministro Funaro, e poderia ter citado vários banqueiros americanos que disseram o mesmo, desde o começo da semana, quando "o Livro de Ouro" do Brasil começou a circular, em Nova York.

"O ministro Stoltenberg não tinha nem recebido o plano brasileiro. Falei com ele durante a reunião. E vou apresentar o plano para que ele possa realmente estudá-lo. O plano brasileiro mostra claramente a intenção do Brasil em negociar os refinanciamentos internacionais. Os problemas domésticos são nossos. Não estamos discutindo os problemas domésticos de outras nações. O Brasil tem pago muito. Pagou US\$ 24 bilhões nos últimos dois anos."

O ministro Funaro esteve duas vezes, ontem, com o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker. Na primeira, a conversa foi a sós, e dela nada transpirou até as 19 horas. Funaro, que tinha marcado um encontro com a imprensa brasileira, entre 16 e 17 horas, não apareceu. A segunda reunião já contou com a presença de outros ministros, como o da Argentina, da Venezuela e do México, para continuar uma discussão iniciada em Miami, recentemente, sobre o desejo dos Estados Unidos de só contribuírem mais com o Banco Interamericano de Desenvolvimento; o BID, caso tenham em troca o poder de veto sobre o destino dos empréstimos. O resultado dessa segunda reunião não foi positiva (ver ao lado/acima).